



WILLIAM DENTON

# A ALMA DAS COISAS

TOMO I: PESQUISAS E DESCOBERTAS PSICOMÉTRICAS



EDITORA DO  
CONHECIMENTO

© 2024 — Conhecimento Editorial Ltda

# A Alma das Coisas

## *The Soul of Things*

Tomo I: Pesquisas e descobertas psicométricas

William Denton

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira

Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP

Fone/Fax: 19 3451-5440

[www.edconhecimento.com.br](http://www.edconhecimento.com.br)

[vendas@edconhecimento.com.br](mailto:vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Tradução: Marina Dummer Carvalho

Ilustração da Capa: Banco de imagens

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-5727-153-7 — 1ª Edição - 2024

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**  
[grafica@edconhecimento.com.br](mailto:grafica@edconhecimento.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Denton, William (1823-1883)

A Alma das Coisas : tomo I : Pesquisas e descobertas psicométricas / William Denton ; tradução de Marina Dummer Carvalho - Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2023.  
300 p.

ISBN: 978-65-5727-153-7

Título original: *The Soul of Things*

1. Psicometria I. Título II. Carvalho, Marina Dummer  
23-2263 CDD - 133.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicometria

William Denton

# A Alma das Coisas

Tomo I

Pesquisas e descobertas psicométricas

Tradução  
Marina Dummer Carvalho

1ª edição  
2024





Pirataria espiritual.....	7
Prefácio .....	13
Capítulo 1	
Imagens na retina e no cérebro .....	15
Capítulo 2	
Imagens de objetos dos arredores.....	27
Capítulo 3	
Psicometria .....	33
Capítulo 4	
Experimentos .....	37
Parte 2	
Perguntas, considerações e sugestões, por Elizabeth M. F. Denton.....	245



# R

Respeitar o sacrifício alheio para produzir uma obra espírita é o mínimo que se espera de todos que almejam alcançar a condição de “bons espíritas”, conforme nos ensina *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo 17, intitulado “Sede perfeitos”, item **Os bons espíritas**.

O capítulo 26 desta obra básica (“Dai de graça o que de graça recebestes”) nos conduz a uma importante reflexão sobre o tema “mediunidade gratuita”, explicando, de forma muito objetiva, o papel do médium como intérprete dos Espíritos:

... receberam de Deus um dom gratuito – o dom de ser intérpretes dos Espíritos –, a fim de instruir os homens, mostrar-lhes o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para vender-lhes palavras que não lhes pertencem, porque não são produto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seu trabalho pessoal. ...

Contudo, muitos seguidores da Codificação têm um entendimento equivocado a respeito da produção das

obras espíritas e/ou espiritualistas, atribuindo a elas o ônus da gratuidade, ao confundir a produção editorial com a mediunidade gratuita, universo material do qual ela não faz parte.

É fundamental separar uma coisa da outra, para que os espíritas não sejam induzidos a erros, cujos efeitos morais e éticos conflitam com os princípios espirituais.

Para que um livro de qualquer gênero literário chegue às mãos dos leitores, é preciso mais que a participação do autor (ou do médium psicógrafo), uma vez que o processo editorial depende de inúmeros profissionais qualificados em áreas diversas. Sem eles, as ideias e conteúdos não se materializariam em forma de livros.

Portanto, tradutores, revisores, editores, digitadores, diagramadores, ilustradores, capistas, artefinalistas, impressores, distribuidores, vendedores e lojistas fazem parte desse rol de profissionais empenhados na veiculação das obras espíritas/espirualistas.

Como se pode perceber, para que uma conteúdo, uma psicografia, chegue aos leitores, percorre-se um longo caminho que envolve uma equipe diversa, em que muitos dos profissionais não são os médiuns nem voluntários e, portanto, não se inserem na máxima: “Dai de graça o que de graça recebestes”.

Por isso, ao se praticar a pirataria, apropriando-se indevidamente de uma obra, seja através da reprodução de seu conteúdo por arquivo pdf ou digital, visando ao compartilhamento “fraterno” dos ensinamentos da Doutrina Espírita, está-se, na realidade, infringindo a lei da Primeira Revelação: “Não roubarás!”. Sim, porque apropriação indébita de bens que também fazem parte do plano material é um delito, qualquer que seja a suposta boa-intenção.

Este é o alerta que a maioria das editoras, inclusive as espíritas, gostaria de fazer chegar aos leitores e que a Editora do Conhecimento inclui no início desta belíssima obra, fruto de um trabalho editorial que não envolveu voluntários mas sim profissionais remunerados que exigem respeito por suas atividades.

Deixamos aqui registrado nosso repúdio a sites, blogs, fóruns e outras mídias que pirateiam e armazenam obras literárias. Ao fazer uso ilícito desses depósitos de livros roubados, “espíritas e espiritualistas” se distanciam cada vez mais de seus objetivos maiores.

Finalizando, lembramos que “o homem de bem respeita todos os direitos que as leis da natureza atribuem aos seus semelhantes, como gostaria que respeitassem os seus”. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo 17 “Sede perfeitos”, item **O homem de bem**).

Conhecimento Editorial  
Seus editores.



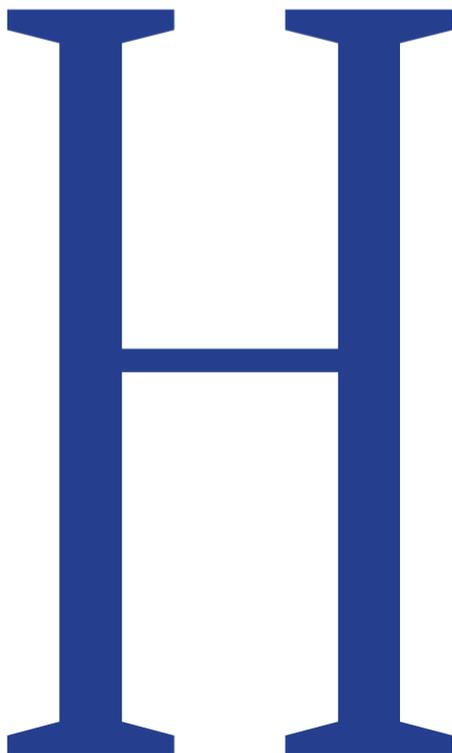
No mais rígido diamante, há a marca de uma pegada nossa; a parte mais posterior desse hospedeiro registrará traços do mais antigo passante.

Carlyle

O ar é uma vasta biblioteca em cujas páginas estão eternamente escritas todas as palavras que os homens já disseram, ou que as mulheres já sussurraram.

Prof. Babbage





Há um vasto reino situado entre o plano físico e o, em comparação, desconhecido plano espiritual — um reino até o momento quase inteiramente inexplorado. Pesquisadores mesméticos têm sido pioneiros em explorar algumas partes dele, Reichenback e Buchanan em outras, enquanto neste volume nós registramos nossa experiência em viajar por uma parte dessa pouco conhecida, porém extremamente interessante e importante região.

Fatos que nenhuma filosofia consegue explicar constantemente se apresentam; e enquanto os fenômenos mais óbvios são os primeiros a serem trazidos ao domínio das ciências, uma vez que suas explicações estão mais próximas da superfície, o que fica mais submerso são os resultados da operação de forças mais sutis. Por consequência, a existência delas é mais provável de ser negada por aqueles cuja crença é limitada pelo que seus sentidos indicam, ou o que pode ser inferido a partir deles. Mas aquele que conhece grande parte da natureza, aquele que a ama mais profundamente, tem menos chances de estabelecer o seu

conhecimento como uma fronteira além da qual os fatos e a filosofia não podem avançar. Quanto mais nos elevamos, mais amplo o círculo do desconhecido se estende ao nosso redor; enquanto o destino, com o dedo erguido, nos chama.

Tem sido sugerido por algumas pessoas que leram partes do manuscrito deste livro que muitas das declarações feitas são estranhas demais para serem críveis e que, com a publicação delas, nos sujeitamos a críticas severas. No que diz respeito às conclusões tiradas sobre os fatos aqui apresentados, acredito que eles devam receber todas as críticas que merecem. Quanto aos fatos, eu não sou responsável nem estou preocupado com a recepção que terão. Caso alguém escolha contestá-los, estou preparado para acolhê-lo: tal pessoa será bem recebida caso seja capaz de fazê-lo. Quando um fato aparece, estou preparado para aceitá-lo. Não invejo aqueles que descartam uma verdade porque o pensamento atual ainda não deu seu veredito definitivo sobre ela.

Este trabalho é, sinto eu, uma mera introdução a um dos mais vastos e mais importantes campos sobre o qual a alma do homem já se debruçou. E confio que como efeito provocará homens de intelecto e instigará a busca por meios de investigar e ensinar, embora provavelmente derubem toda a estrutura teórica que erguemos.

Boston, junho de 1803, W. D.



Ao fitar nos olhos de um indivíduo contemplando uma paisagem, podemos ver nele uma imagem dos campos, casas, árvores e objetos que geralmente estão dentro do alcance da visão. Isso ocorre porque raios de luz provenientes desses objetos passam para a retina do olho e nela formam imagens deles. Nada é aparente à visão comum até que seja pintado nesta janela da alma.

As imagens formadas e vistas dessa forma não são tão efêmeras quanto elas comumente deveriam ser. Parece que passam da retina para o cérebro e lá são permanentemente gravadas em sua substância e, sob certas condições, podem ser trazidas diante do olhar, anos mais tarde, com tanta distinção quanto a qual o observador tinha consciência no momento em que os próprios objetos foram apresentados à visão.

Dessa forma, Sir Isaac Newton, em uma carta para Locke, disse:

Olhei brevemente para o Sol através de um espelho com o meu olho direito e então direcionei meu olhar

para um canto escuro de meu quarto e pisquei, observando assim a impressão causada e o círculo de cores que a envolvia, e como eles decaíam gradualmente e finalmente desapareciam. Com o desejo de imaginar uma última aparição deles, descobri, para minha surpresa, que eles começaram a retornar e, pouco a pouco, tornaram-se tão vivos e vívidos como eram no momento em que eu havia acabado de olhar para o Sol. Porém, quando deixei de concentrar minha imaginação neles, os círculos desapareceram novamente. Depois disso, descobri que sempre que ia para a escuridão e os imaginava, tal como alguém olha atentamente para algo que é difícil de enxergar, conseguia fazer com que o espectro das imagens retornasse sem que olhasse diretamente para o Sol de novo. E quanto mais eu fazia esse espectro retornar, mais fácil se tornou fazer com que retornasse. Depois disso, descobri que sempre que ia para a escuridão e concentrava minha mente neles, como quando o homem olha atentamente para ver algo que é difícil de ser visto, eu podia fazer o espectro retornar sem olhar mais para o Sol; e quanto mais vezes eu o fazia retornar, mais facilmente eu os trazia de volta. Assim, repetindo essa ação, não mais olhando para o Sol, gravei uma imagem em meu olho de forma que, se eu olhasse para as nuvens, para um livro ou para qualquer objeto reluzente, eu via nele um ponto redondo e brilhante, como o Sol... E então, em um período de poucas horas, meus olhos ficaram em tal estado que não conseguia olhar para nenhum objeto reluzente com nenhum dos olhos, sem ver o Sol diante de mim, de modo que não ousei nem ler, nem escrever. Para recuperar o uso de meus olhos, me tranquei em meu quarto e o deixei escuro por três dias seguidos, usando todos os meios para afastar minha imaginação do Sol. Caso pensasse nele, imediatamente via sua imagem, mesmo que estivesse no escuro... Por alguns dos meses seguintes, o espectro do Sol começou a retornar sempre que eu refletia sobre o fenômeno, mesmo que eu estivesse deitado em minha cama à meia-noite com as cortinas fechadas.<sup>[1]</sup>

É provável que existam pouquíssimas pessoas que enxerguem essas imagens, tão fácil e vividamente como Newton fez com o Sol. Contudo, acredito existir uma quan-

[1] Fonte: *Brewster's Life of Newton*, p. 237. Livro organizado por David Brewster, físico, matemático e astrônomo escocês. O livro foi publicado originalmente em 1855.

tidade suficiente de fatos para mostrar que todas as pessoas retêm essas imagens de forma latente, ainda que as condições favoráveis para a manifestação delas não estejam presentes. Experimentos foram estabelecidos para testar a duração de impressões visuais, tal como a que se apresenta a seguir, e o resultado pode ser surpreendente para a maioria das pessoas.

Dr. Darwin disse: "Eu cobri um papel de aproximadamente dez centímetros com a cor amarela e, com uma caneta de cor azul, em seu centro escrevi a palavra BANKS em letras maiúsculas. Sentado de costas para o Sol, fixei meus olhos no centro da letra N por um minuto. Após fechar meus olhos e fazer um pouco de sombra sobre eles com a minha mão, a palavra podia ser vista de forma bastante distinta em um espectro de cor amarela com um fundo azul. Então, ao abrir meus olhos em frente a uma parede de tom amarelo, a uma distância de seis metros, a palavra BANKS apareceu aumentada na parede, escrita em letras douradas."<sup>[2]</sup>

Nesse caso, a palavra foi vista com olhos fechados, porém em uma cor diferente da qual foi escrita. O motivo pelo qual o azul substituiu o amarelo, e pelo qual o amarelo apareceu no lugar do azul, provavelmente tem origem no fato de que quando olhamos para uma cor por um longo período, o olho se torna incapaz de perceber aquela cor por determinado tempo e vemos, no lugar dela, sua cor complementar. Azul e amarelo são cores complementares; por isso foram vistas uma no lugar da outra.

Dr. Ferriar conta que quando tinha quatorze anos, caso visse qualquer objeto interessante ao longo do dia, como ruínas romanescas, uma bela poltrona ou relembresse o que já havia visto, assim que a noite chegava, se entrasse em um cômodo escuro, a cena completa era revelada a ele com o mesmo esplendor que possuía na luz do dia, e permanecia visível por alguns minutos.

Em casos assim, as imagens não parecem ter sido retidas por tanto tempo após os objetos serem expostos ao olho. É possível supor que a impressão gerada na retina foi tão forte que as imagens permaneceram ali por determinado

[2] Fonte: *Abercrombie's Intellectual Philosophy*. Esse livro foi escrito por John Abercrombie, um médico e filósofo escocês, e foi publicado pela primeira vez em 1830. O livro explora a natureza da mente humana, examinando tópicos como percepção, memória e raciocínio.

tempo e desapareceram gradualmente. Contudo, nos casos que trarei agora, veremos que essa explicação é de modo geral insuficiente para abarcar os fatos apresentados.

Pessoas que ficaram cegas são naturalmente testemunhas mais frequentes de visões como essas, assim como são mais suscetíveis às manifestações delas. Temos, dessa forma, muitas ocorrências legítimas de pessoas que ficaram cegas e, por vezes, conseguiam ver objetos sobre os quais seus olhos uma vez repousaram, com toda a nitidez da realidade.

Dr. Samuel Willard, de Deerfield, Massachussets, está completamente cego há 25 anos e, durante treze anos antes disso, só foi capaz de distinguir grandes objetos vagamente. No entanto, até agora, quando trancado em seu quarto, visões de campos verdes e de encostas ensolaradas dos vales de Connecticut aparecem de forma tão real quanto quando ele as admirou com seus olhos que há tanto tempo não admitem luz. Ele nega que é a sua imaginação, referindo-se ao fenômeno como a amostra de uma das formas misteriosas pelas quais a mente mantém certa comunicação com o mundo externo sem o auxílio dos sentidos.<sup>[3]</sup>

A imaginação não possui tanto poder quanto algumas pessoas lhe atribuem, e Dr. Willard muito apropriadamente se recusou a reconhecer que esse fenômeno seja proveniente dela. Mas se ele pode ver somente o que seus olhos uma vez contemplaram, não é, penso eu, tal como ele supõe, uma amostra de como a mente pode estabelecer uma comunicação com o mundo exterior sem o auxílio dos sentidos, visto que o sentido da visão precisaria primeiro ter sido empregado para que as imagens fossem obtidas. Seria, portanto, uma amostra do poder pelo qual cenários absorvidos pela mente, por meio da visão, podem se tornar visíveis mais uma vez — cenas as quais, aparentemente, nunca são perdidas ou eliminadas.

O caso de Niebuhr, o celebrado viajante dinamarquês, se assemelha muito a isso.

Quando estava velho, cego e tão enfermo que só podia ser carregado da cama para a cadeira, ele costumava descrever aos amigos cenários que tinha visitado quando jovem com maravilhosa minúcia e vividez. Quando expressavam seu espanto, dizia a eles que, ao

[3] *American Encyclopedia*, Vol. III, p. 357.

deitar na cama, com todos os objetos visíveis ocultos, imagens do que ele vira no oriente flutuavam constantemente diante dos olhos de sua mente, de forma que conseguia falar deles como se tivesse os visto no dia anterior. Com tal vivacidade, o profundo e intenso céu da Ásia, com seu brilhante e cintilante conjunto de estrelas, o qual ele tantas vezes admirou à noite, ou o sublime abaulamento do céu diurno, faziam reflexo durante as horas de quietude e escuridão na profundidade de sua alma.<sup>[4]</sup>

Para provar que essas imagens na verdade estão gravadas no cérebro, ao menos em muitos casos, e não simplesmente estão na retina, há evidências melhores. Müller, o psicólogo alemão, nos diz que um notável caso foi observado por Lincke, no qual a extração de um olho foi seguida da aparição de figuras luminosas diante do olho enquanto durou o processo de inflamação consequente da cirurgia.

Uma judia que por muito tempo era cega, ficou louca. Ela tinha ilusões de enxergar e era constantemente assombrada por visões estranhas. Após a sua morte, foi verificado que os dois nervos ópticos, desde a parte na qual eles estão unidos dentro da cabeça (o que anatomistas chamam de comissura) até a terminação na retina, estavam encolhidos e gastos, de forma que eles estariam completamente incapazes de cumprir suas devidas funções.<sup>[5]</sup>

Nesses casos, é evidente que tais imagens não foram gravadas na retina, e no último caso mal podemos conceber a possibilidade de que residam no nervo óptico. As imagens devem estar gravadas no cérebro e o estado febril da inflamação em um caso, e a loucura no outro, tornaram-nas visíveis.

Muitas pessoas acometidas por febre ou por doenças acompanhadas desse sintoma testemunham cenas que elas viram anos antes, e que em alguns casos haviam sido completamente esquecidas. Sr. Macnish compartilha o interessante relato de uma imagem vista dessa forma por ele próprio: “Em março de 1892, durante uma crise de febre

[4] *Intellectual Philosophy*, p. 100.

[5] Fonte: Investigações Psicológicas de Brodie, p. 80. Obra escrita pelo médico e filósofo escocês Sir Benjamin Collins Brodie e publicada em 1854. A obra é a compilação de ensaios que exploram temas relacionados à psicologia e à filosofia da mente. Brodie aborda a natureza da mente, a relação entre mente e corpo, a percepção sensorial, a memória e a consciência, além de analisar implicações filosóficas de algumas descobertas científicas sobre o cérebro e o sistema nervoso.

acompanhada de uma violenta atividade cerebral, vivenciei ilusões de um tipo muito peculiar. Elas só apareciam quando eu estava de olhos fechados ou quando o quarto estava completamente escuro. Essa foi uma das coisas mais angustiantes da minha doença, pois me forçou ou a manter meus olhos abertos, ou a deixar entrar mais luz no cômodo do que eles conseguiam tolerar.

Uma noite, quando a febre estava em seu pico, eu tive uma visão esplendida de uma casa de espetáculos na qual Ducrow, o célebre cavaleiro, estava se apresentando no palco. Nessa ocasião tudo era feliz, luminoso e lindo. Eu estava plenamente acordado, meus olhos estavam fechados e ainda assim eu via com perfeita distinção toda a cena que acontecia no local — Ducrow realizando suas maravilhas em equitação e a multidão reunida ao redor, no meio da qual eu reconhecia diversos amigos próximos —, em suma, via todo o espetáculo tão claramente como se eu estivesse presente. Quando abri meus olhos, a cena desapareceu como o palácio encantado do necromancista<sup>[6]</sup>; quando fechei os olhos, as imagens voltaram instantaneamente... Essa visão teatral continuou por aproximadamente cinco horas.<sup>[7]</sup>

É evidente, a partir desse relato, que o Sr. Macnish tinha visto tal *performance*; a inigualável pintora, a Luz, traçou-a em seus olhos, completa em todos os aspectos, e por consequência foi transferida para o seu cérebro. Durante o acesso de febre, foi removida a cortina que normalmente omite tais imagens de nossa visão e ali ela ficou, tão brilhante e bela quanto no dia de sua execução. A maravilha não é que tais imagens sejam vistas, mas sim que elas sejam vistas tão raramente, ou, quando vistas, são pouco notadas.

Hugh Miller, quando jovem, frequentou um teatro em Edimburgo. Diz ele que:

A vista não provocou nenhuma impressão positiva em mim. No entanto, quatorze anos depois, quando o fato parecia não estar mais em minha memória, eu estava acamado por causa de uma catapora que, embora

[6] Possível referência à obra *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole. A obra é uma referência do gênero gótico e possui elementos sobrenaturais.

[7] Fonte: *Combe's Phrenology*, p. 352. obra publicada em 1843. A frenologia era uma teoria que afirmava ser possível entender a personalidade e as habilidades mentais das pessoas fazendo-se a observação e medição do formato do crânio. O livro *Combe's Phrenology* ajudou a popularizar a frenologia, porém hoje em dia ela é considerada uma pseudocientífica, de forma que não tem mais credibilidade científica.